



# Pensar a cidade

**Bruna Suptitz**

contato@pensaracidade.com



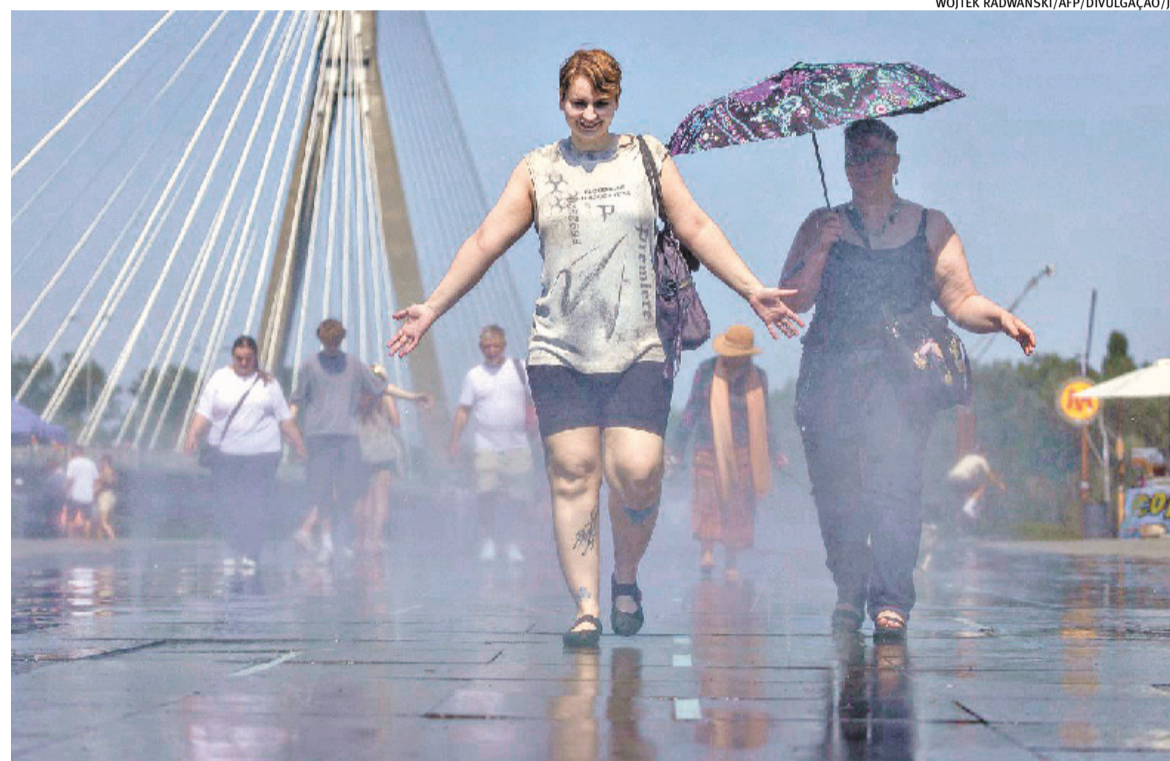
Além da edição impressa, as notícias da coluna Pensar a Cidade são publicadas ao longo da semana no site do JC.

jornaldocomercio.com/colunas/pensar-a-cidade



# Onda de calor na Europa não ocorreria sem ação das mudanças climáticas

Estudo aponta que probabilidade seria rara em planeta menos aquecido



WOJTEK RADWANSKI/AFP/DIVULGAÇÃO/JC

Registro às margens do rio Vístula, na Varsóvia, durante onda de calor que atingiu a Polônia em 28 de junho

Junho não é historicamente o mês mais quente na Europa Ocidental. No entanto, França, Alemanha, Itália, Espanha e o sul da Inglaterra registraram no mês temperaturas de 5 a 12 °C acima da média sazonal. Outros países também estão enfrentando ondas de calor. Entre maio e junho, um sistema de alta pressão persistente transportou ar quente do norte da África para a região, além de céu claro e sol forte, o que intensificou ainda mais a ocorrência de altas temperaturas.

O aquecimento acima do normal para estes países tem provocado mortes em excesso, conceito que se popularizou durante a pandemia de Covid-19: óbitos que ultrapassam o que é esperado para o período, ou seja, excedentes, podem ter relação com o calor extremo, fator que diferencia este período dos demais em condições tidas como normais. No ano passado, a primeira onda de calor na Europa, também ocorrida no final de junho, custou a vida de cerca de 2,3 mil pessoas em 12 cidades europeias

No entanto, as temperaturas altas registradas neste ano não estariam ocorrendo se não fosse o

aquecimento global - provocado e agravado pela ação humana. Pesquisadores da Suécia, Dinamarca, Estados Unidos, Países Baixos, Irlanda e Reino Unido colaboraram para avaliar em que medida as mudanças climáticas induzidas pelo homem alteraram a probabilidade e a intensidade do calor extremo na Europa Ocidental. Na região estudada, esta onda de calor é a mais severa já registrada.

Em 1976, quando alguns dos recordes europeus anteriores foram estabelecidos, as temperaturas de 2026 seriam praticamente impossíveis de ocorrer em junho, além de serem altamente improváveis em qualquer época do ano. Em 2003, durante a primeira grande onda de calor deste século, um calor diurno como este ainda seria muito raro, cerca de 10 vezes menos provável do que hoje, enquanto temperaturas noturnas como as deste junho seriam mais de cem vezes menos prováveis em 2003.

O estudo faz parte da iniciativa de atribuição climática World Weather Attribution (WWA) é uma colaboração entre cientistas que fornece avaliações robustas sobre o papel das mudanças cli-

máticas logo após o evento climático extremo.

Na Europa, o risco de calor concentra-se nas cidades, onde os efeitos das ilhas de calor urbanas, construções antigas e as desigualdades socioeconômicas se combinam para intensificar a exposição, apontam os pesquisadores. Muitas casas, escolas, sistemas de transporte e infraestruturas energéticas não foram concebidos para calor extremo prolongado, o que evidencia a necessidade urgente de adaptação equitativa, requalificação de edifícios, medidas de arrefecimento passivo e planejamento urbano resiliente ao calor.

Além disso, o verão no hemisfério norte demonstra que, com um aquecimento global de 1,4°C, o calor extremo já está atingindo os limites da capacidade que a sociedade tem de lidar com ele. A análise da WWA mostra que o calor intenso está aumentando rapidamente, mesmo em tempos recentes, com eventos desse tipo se tornando dezenas a centenas de vezes mais prováveis desde 2003, ao mesmo tempo que eram praticamente impossíveis há apenas 50 anos.

## Impacto é maior nas cidades

Além do impacto direto na mortalidade, o calor extremo afeta os ecossistemas, a infraestrutura e o cotidiano. As altas temperaturas registradas na Europa em junho estão elevando a demanda por refrigeração ao seu nível mais alto em pelo menos 45 anos, ao mesmo tempo que aumentam significativamente o risco de incêndios florestais, particularmente na Espanha e na França.

A França está entre os países mais afetados, já registrando pelo menos 40 mortes (até 23 de junho), fechamento generalizado de escolas, cancelamento de eventos ao ar livre e grandes interrupções ferroviárias, visto que o calor extremo leva à expansão térmica dos trilhos e à interrupção das linhas de energia aéreas. As condições de seca estão se intensificando, com a umidade do solo se aproximando de mínimas sazonais recordes e as chamadas de emergência médica aumentando em 20%.

No Reino Unido, o Hospital East Surrey declarou estado crítico devido ao aumento da demanda, restringindo os serviços apenas a emergências com risco de vida. A Itália registrou mortes relacionadas ao calor, aumento de atendimentos em pronto-socorro e apagões devido ao uso crescen-

te de ar-condicionado, enquanto os sistemas de saúde e transporte na Bélgica e nos Países Baixos enfrentam crescente pressão e interrupções nos serviços.

Na Bélgica, centros de resgate de animais selvagens também relataram um aumento acentuado no número de animais estressados pelo calor, principalmente aves jovens. Enquanto isso, a Espanha enfrenta condições de seca e estresse hídrico acentuados, à medida que os níveis dos reservatórios ficam sob pressão crescente.

A onda de calor também está pressionando os sistemas energéticos europeus, com preocupações sobre a redução da produção das usinas nucleares francesas resfriadas pelos rios Ródano e Garona. Como a França é uma parte fundamental da rede elétrica do continente, as restrições à geração de energia podem comprometer o fornecimento regional de eletricidade e contribuir para o aumento dos preços da energia, agravando a crescente pobreza energética no verão europeu.

As referências de estudos e do noticiário sobre os casos relatados estão disponíveis na página Pensar a cidade no site do Jornal do Comércio.



RALF HIRSCHBERGER/AFP/DIVULGAÇÃO/JC

Polícia utiliza canhões de água em área pública de Berlim, na Alemanha

### Semana do Clima de Porto Alegre recebe inscrições até 5 de julho

A 1ª Semana de Ação Climática de Porto Alegre será realizada entre os dias 20 e 26 de julho e recebe inscrições de atividades que irão compor a programação oficial. As propostas podem ser enviadas para o site [semanadeacaoclimatica.poa.br](http://semanadeacaoclimatica.poa.br) até 5 de julho. Podem participar coletivos como ONGs, movimentos sociais, universidades, escolas e empresas. A atividade na Capital gaúcha é articulada por organizações da sociedade civil, acadêmicas e redes de justiça climática, como a Themis - Gênero, Justiça e Direitos Humanos, Anistia Internacional, Observatório das Metrôpoles e Instituto Preservar.